

A palavra nômade em uma pesquisa com a formação docente em Artes Visuais

The nomadic word in a research on teacher training in Visual Arts

La palabra nómada en una investigación de formación docente en Artes Visuales

Elaine Schmidlin¹
Flávia Gabrielle Rossinski²
Vivian Ellwanger Leyser³

1 Doutora em Educação (UFSC) e professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/UDESC. Coordenadora do projeto “[entre práticas] artísticas e pedagógicas” e integrante do Grupo de Pesquisa [Entre] Paisagens CNPq UDESC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9781556928615419> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7478-1781> E-mail: s.elaine@gmail.com

2 Bacharela em Artes Visuais pela UDESC. Graduanda na Licenciatura em Artes Visuais no Centro de Artes (CEART) - UDESC. Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/UDESC 2021-2022 no projeto “[entre práticas] artísticas e pedagógicas” Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6312861200416756>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0046-4879> E-mail: flaviarossinski@gmail.com

3 Licencianda em Artes Visuais no CEART-UDESC (Florianópolis, SC). Artista, crocheteira e bordadeira. Professora de Biologia e Ciências. Bolsista de iniciação científica PROBIC/UDESC 2021-2022 no projeto “[entre práticas] artísticas e pedagógicas”. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6279-7877> E-mail: vivianleyser@gmail.com

RESUMO

O texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa, ainda em realização, junto ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil. Durante o levantamento dos dados, optou-se por observar e descrever as palavras encontradas em trabalhos de conclusão de curso (TCCs) do ano de 2018, os quais pertencem a estudantes do referido curso, em dois aspectos: palavras-chave e títulos. Na pesquisa, a palavra funciona em um sistema de linguagem que não é apenas representação, no sentido de espelho ou como expressão concreta da formação docente dos estudantes, mas sim como interstício aberto em que a docência pode vir a se insurgir. Com esta proposição, surgem cartografias em que a palavra, como algo nômade, móvel e errante, propõe-se a indicar as pistas dos trabalhos desenvolvidos em arte e educação pelos graduandos.

PALAVRAS-CHAVE

Licenciatura em Artes Visuais; Arte e Educação; Nômade; Errante; Formação docente.

ABSTRACT

This text presents the partial results of a research, still in progress, with the Degree in Visual Arts at the Santa Catarina State University, Brazil. During the data collection, we chose to observe and describe the words found in final papers of the year 2018, and they belong to students of that university degree, in two aspects: keywords and titles. In this research, the word works in a language system that is not just a representation, in the sense of a mirror, or as a concrete expression of the teaching formation of students, but rather as an open interstice in which teaching can arise. With this proposition, cartographies arise in which the word, as something nomadic, mobile, and wandering, proposes to indicate the clues of the papers developed in art and education by the undergraduates.

KEY-WORDS

Degree in Visual Arts; Art and Education; Nomadic; Wandering; Teacher Training.

RESUMEN

Este texto presenta los resultados parciales de una investigación, aún en curso, con la Licenciatura en Artes Visuales de la Universidad Estadual de Santa Catarina, Brasil. Durante la recolección de datos se optó por observar y describir las palabras encontradas en Trabajos de Finalización de Curso del año 2018, pertenecientes a estudiantes de dicho curso, en dos aspectos: palabras clave y títulos. En esta investigación, la palabra funciona en un sistema de lenguaje que no es sólo una representación, en el sentido de un espejo, o como una expresión concreta de la formación docente de los estudiantes, sino como un intersticio abierto en el que puede surgir la enseñanza. Con esta proposición surgen cartografías donde la palabra, como algo nómada, móvil y errante, se propone señalar las pistas de los trabajos desarrollados en arte y educación por los estudiantes de grado.

PALABRAS-CLAVE

Licenciatura en Artes Visuales; arte y educación; nómada; errante; formación de profesores.

"Onde não estou, as palavras me acham."
(Manoel de Barros, Livro sobre nada)

Por [entre]

Como propor uma escrita que se infiltra pelos trabalhos de conclusão de curso dos estudantes de Licenciatura em Artes Visuais? Com esta questão, a pesquisadora e as bolsistas de iniciação científica da pesquisa intitulada [entre práticas] artísticas e pedagógicas, ainda em andamento, escolheram, a partir das palavras-chave e dos títulos, vocábulos que navegam pelas escritas de 11 (onze) estudantes em seus TCCs, finalizados no ano de 2018, em formato digital, constantes no acervo da Biblioteca Central da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Essas palavras trouxeram pistas de aspectos transversais que constituem modos de ser docente, evidenciando o aspecto da subjetividade que atravessa a docência em formação, objetivo da pesquisa.

Como método de pesquisa foi escolhida a cartografia, compreendida como uma prática que vai construindo seu percurso não para alcançar metas estabelecidas, mas sim para um caminhar que vai traçando suas metas nesse trajeto. Como dizem Passos e Barros: "A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados" (In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 17).

As relações entre as práticas artísticas e pedagógicas são questões que a referida pesquisa pretende evidenciar, ou seja, trazer os atravessamentos entre as duas áreas, *arte e educação*, que se conectam nos trabalhos dos graduandos de Licenciatura em Artes Visuais da UDESC. Entretanto, neste texto, a busca pelos atravessamentos se associa com o seguinte questionamento: Como a palavra pode ser apreendida como movimento nômade que ativa outros modos de se compreender a formação docente?

Procedendo aos primeiros movimentos de leitura dos trabalhos em conjunto, nos dispomos ao que Kastrup (2012) considera, nas/para as cartografias, como ponto de partida para a atenção: a ideia de uma *concentração sem focalização*, uma abertura, uma atitude que nos prepara para o acolhimento do inesperado. Constituímos, assim, uma ficha catalográfica para cada TCC, de modo a nos oferecer acesso e nos remeter a aspectos tanto formais quanto simbólicos. Essas fichas contêm, entre outros dados, o título, palavras-chave, a presença de imagens, citações de abertura e referências. Uma vez preenchidas as fichas para todos os trabalhos, resolvemos que um caminho inicial e interessante para seguir com a pesquisa seria através de duas direções: os títulos e as palavras-chave. Tal processo interativo e circular de leitura-reflexão-discussão nos conduziu a algumas indagações mais direcionadas, como:

Quais temas foram eleitos pelos licenciados, para acionar seus processos poéticos, a busca por referências, reflexões, posicionamentos críticos e proposições, na elaboração de seus textos?

Que pistas são sinalizadas por essas escolhas, quando conhecemos, inicialmente, os títulos e as palavras-chave que identificam cada trabalho?

Quais rastros da constituição da docência, além dos modos de compreendê-la e expressá-la, estão presentes nos textos desses trabalhos?

Aos poucos, neste movimento, surgiram palavras que nos levaram a pensar sobre as associações que poderiam ser feitas quando a palavra se conecta com a prática artística e, em outros momentos, também com a prática pedagógica. Como foram construídas essas relações ao longo da formação? Que pistas as palavras nos oferecem e como afetam a visão dos licenciandos? Afinal, somos “seres de palavras, em palavras, por palavras”, como afirma Carlos Skliar:

A palavra é, se quiser, a ambiguidade que se estabelece antes de cada passo, de cada batimento de coração, de cada perda e cada reinvenção do pensamento. A palavra dói em nós, amamos a palavra, subimos a palavra, baixamos a palavra, herdamos a palavra e destituímos a palavra de sua mais nobre história.

A cada pronúncia fazemos e nos fazemos algo com a palavra: amamos e odiamos, escapamos e voltamos, ficamos em silêncio e fugimos, destroçados do silêncio (SKLIAR, 2012, p. 36).

O que a palavra, na qualidade do seu silêncio, nos oferece é o sensível, o tom, o ritmo em suas modulações, em que a escritura é uma voz que nos coloca em um estranho temor de experimentar sensivelmente a palavra, esvaziando seu significado, para se abrir a um pensamento vindo de não sei onde, nômade e errante, a espalhar uma formação docente, ainda e sempre por vir.

Ao experimentar a palavra, realizamos um exercício prático em que não se desvenda seu significado; ao contrário, a palavra se abre a sentidos e variáveis infinitas. Sobre esta questão, Michel Foucault, na publicação *As palavras e as coisas* (1999), empreende um exercício do pensamento em que diz que as palavras não dizem as coisas e as coisas não dizem das palavras. Nesse aspecto, é necessário repensar a linguagem, não como representação ou espelho do mundo como formulado pelo período clássico, mas como na modernidade, em que a linguagem na literatura provém de uma exterioridade na qual a verdade pode ser questionada, uma vez que não está aprisionada a um autor.

Em seus escritos, Foucault acompanha o pensamento de Maurice Blanchot que, em seu texto *Linguagem da ficção*, presente na publicação *A parte do fogo* (2011), faz uma distinção entre a linguagem da ficção e a linguagem comum, afirmando que a palavra literária não se fixa a um tempo ou a um sujeito, mas a um “neutro” que o dispersa.

Ainda, para o mesmo autor, “as palavras de um poema não desempenham o mesmo papel e as mesmas relações que as da linguagem comum” (*ibidem*, p. 82). Desse modo, a linguagem literária seria, para Blanchot, uma experiência com o *fora*, ou seja, a literatura não é da ordem da interioridade de um sujeito, mas de uma exterioridade pura. Portanto, a palavra literária carregaria em si essa errância,

característica do nômade, pois a experiência com o fora não se fixa a nada, muito menos a ninguém. Para destacar esse aspecto, Blanchot compara o espaço literário com o deserto:

O deserto ainda não é nem o tempo, nem o espaço, mas um espaço sem lugar e um tempo sem engendramento. Nele, pode-se apenas errar, e o tempo que passa nada deixa atrás de si; é um tempo sem passado, sem presente, tempo de uma promessa que só é real no vazio do céu e na esterilidade de uma terra nua, onde o homem nunca está, mas está sempre fora (2005, p. 115).

No deserto, as palavras estão sempre suspensas, em certo tremor que não as deixa nunca em um único lugar. Nessa errância do deserto, espaço sem tempo e lugar demarcados, circulam as palavras em um murmúrio incessante, em que aquele que escreve perdeu o mundo e se perdeu, uma vez que não pode mais dizer eu. Eis o projeto moderno da literatura, em que a palavra perde a sua função designativa como ocorre com a linguagem comum, estando subordinada a fins práticos, tanto de comunicação como de compreensão. Na literatura, a palavra não representa o mundo, mas apresenta o que Blanchot (2011) denomina “o outro de todos os mundos”.

Portanto, neste texto, experimentar a palavra é, de algum modo, impulsionar uma dança com as palavras encontradas que, muitas vezes, nos deixa em assombro, outras vezes, nos desvanecem, errantes pelo esgotamento do que querem dizer, talvez pelo “[...] capricho ou pela opacidade, ou quem sabe pela cadência e pela própria densidade das palavras” (SKLIAR, 2012, p. 18).

Explorar os recursos de experimentação e de visualidade oferecidos pela ferramenta *Word Clouds*, com a possibilidade de gerar nuvens compostas com palavras e expressões, pareceu-nos um caminho potente e inspirador para nos conduzir pelas errâncias, ambiguidades e subjetividades acionadas pelas nossas leituras dos TCCs. Entre outras funcionalidades, a mesma ferramenta permite, inclusive, agrupar palavras selecionadas segundo diferentes formas, atribuindo valores (pesos) distintos para vocábulos, tendo como resultado seu maior ou menor destaque na imagem gerada.

Assim como as palavras e expressões escolhidas pelos licenciandos, as nuvens são instáveis, errantes, provisórias, dinâmicas – mudam de forma, tamanho, transparência ou opacidade a todo o instante. Nuvens ora revelam o céu e o sol, ora os encobrem. Igualmente, as palavras podem (re)velar significados, mas também podem encobri-los. Com Bachelard, poderíamos afirmar, então, transpondo para o universo das nuvens de palavras:

[...] a contemplação das nuvens nos coloca diante de um mundo em que há tantas formas quanto movimentos; os movimentos produzem formas, as formas estão em movimento, e o movimento sempre as deforma (2001, p. 198).

Rastros [entre] títulos: palavras que movimentam a docência e as Artes Visuais

Os títulos escolhidos pelos onze autores e autoras, para identificar seus trabalhos individuais, oferecem um cenário inicial que inclui uma ampla gama de temas abordados, identificados tanto a possíveis dimensões pedagógicas quanto a referenciais de especificidade da área das artes visuais. A Figura 1 mostra uma primeira nuvem gerada com todas as palavras e expressões presentes nos onze títulos, mantendo uniforme o mesmo peso de destaque para todas:

Figura 1.



Pela posição relativa das palavras na nuvem acima, em especial as que estão alinhadas horizontal ou diagonalmente, nosso olhar é logo capturado pela heterogeneidade dos termos, os quais remetem tanto a uma sinalização com o contexto das artes visuais – como *sketchbook*, *artes*, *desenho*, *sombras*, *escultura* e *arte* – como a possíveis aproximações com a docência – como *aprendizado*, *artista*, *professora-artista*, *professor-artista-gravador*, *escrita* e *ensino*. Contudo, na nuvem, tais sinalizações parecem pouco se comunicar, por estarem soltas e dispersas, numa erraticidade que nos perturba, mas que também nos convida a proporcionar,

juntamente a elas, novos sentidos e significados.

Por outro lado, três palavras/expressões nos causam estranhamento, seja por aparecerem em inglês ou também por estarem, nesta nuvem, aparentemente perdidas ou errantes do seu contexto de significação (que seria o título completo do respectivo TCC) – são elas *truth/fiction*, *respawning* e *homunculus*.

Além disso, também chama a atenção que uma palavra de muita força simbólica – *raízes* – aparece na diagonal, bem na base desta nuvem. ‘Raízes’ talvez remeta a uma noção de origem, identidade e autoridade preestabelecida na produção de saberes que, com frequência, ainda permanecem presentes em muitos modelos e processos de constituição da docência. Em contraste com essa visão, recordemos o conceito de rizoma, pelo qual os saberes não estão confinados a um centro, origem única ou hierarquia.

Para Deleuze e Guattari, “um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos são rizomas” (2004, p. 15). O que rege o rizoma é a conexão, a heterogeneidade, a multiplicidade, a possibilidade de uma ruptura, pois não existe um modelo ou único caminho, tal como o sentido poético em uma palavra. Para Skliar, “a poética é essa linguagem que se oferece aos sentidos para, nesse instante, deixar de ser o que se é, o já somos, e para poder (tentar) ser outra coisa diferente do que se é, do que já somos” (2012, p. 27).

Uma segunda nuvem (Fig. 2) foi gerada com as mesmas palavras e expressões da primeira, porém, desta vez, atribuindo-se um peso/destaque maior àquelas cuja aproximação com o campo da docência em formação fosse mais explícita:

Figura 2.



Nesta nuvem, nosso olhar é agora atraído por um conjunto de palavras e expressões em destaque, que emergem com clareza a partir da opacidade da imagem, parecendo constituir rastros de contaminação entre as dimensões da docência e das artes visuais. Duas delas – *formação em artes visuais e ensino e as artes visuais* – de fato, resultam de uma opção nossa, como pesquisadores, de reconhecê-las e mantê-las na sua redação original, conforme constam nos títulos dos respectivos TCCs. Em outras duas – *professor-artista-gravador e professora-artista* – a contaminação se dá pelo recurso, o qual é utilizado pelos estudantes e mantido por nós, da hifenização entre vocábulos, formando palavras que, por justaposição e aderência, seriam então “novas”, sinalizando talvez uma busca por uma maior aproximação entre as dimensões pedagógicas e artísticas da docência em Artes Visuais.

Encontramos ainda, nesta nuvem, destaque para as palavras *cartografando e proposição*, que parecem remeter, numa primeira aproximação, a correntes teórico-metodológicas bem consagradas no âmbito de pesquisa. Temos então, a partir dos elementos que identificamos nos títulos dos TCCs, mesmo que o relativo destaque não esteja presente em todos eles, a constituição de novos *rastros [entre]* a docência e as artes visuais, nos quais palavras comumente associadas a outras têm seu caráter de representação confrontado por novos sentidos e formas de entendimento.

Cabe destacar que percebemos, na enunciação dos títulos dos TCCs analisados, que nem todos incluem palavras ou expressões como as indicadas acima, as quais pudessem remeter explicitamente à formação ou atuação docente (o que até poderia ser esperado, em função de serem trabalhos escritos por licenciados, e ser sinalizado pela presença das palavras já indicadas, ou mesmo por outras). Para explorar esta pista, selecionamos as palavras e expressões de somente seis títulos de TCCs, por entender que estes remetem, mais diretamente, a aspectos da formação e do exercício da docência em Artes Visuais, gerando com elas uma terceira nuvem (Fig. 3):

Figura 3.



Como era de se esperar, já que o critério para selecionar as palavras e expressões na geração desta imagem se sobrepõe ao utilizado para a nuvem anterior, voltam a se posicionar com relevância, nesta imagem, horizontalmente, os termos *proposição, cartografando, formação em artes visuais, ensino e as artes visuais, professor-artista-gravador e professora-artista* – todos, de uma forma ou de outra, sinalizadores de aspectos relacionados à docência em formação.

No entanto, chama a atenção a forma pela qual se compuseram proximidades e atravessamentos com outros termos, também posicionados horizontalmente e presentes nos mesmos títulos desses TCCs – por exemplo, *encontros e trajetos*, à esquerda da nuvem, e *narrativas*, ao lado direito. Percebemos tais disposições como potencialidades e indicativos de novas contaminações possíveis, para a construção deste/a professor/a de Artes Visuais que concluiu sua graduação.

O mesmo podemos dizer da expressão *modos de artistar*, o qual literalmente atravessa a nuvem, como se a oferecer um elemento de conexão entre os termos anteriores. Chamou-nos a atenção, ainda, a presença da palavra narrativa, muito destacada ao lado direito da nuvem. Também passível de ser identificada com correntes metodológicas consagradas na pesquisa em/sobre docência, percebemos que ela aparece como se estivesse à margem, distanciada das demais. O que poderia sugerir?

Rastros [entre] palavras-chave: [entre] fechamentos e aberturas?

Ao elaborar a nuvem das palavras-chave, um fator interessante foi observar como frequentemente não são palavras necessariamente relacionadas à licenciatura que aparecem com mais destaque, evidenciando que a escolha dos termos de todos os formandos é muito diversificada. Dois trabalhos de conclusão de curso contam ainda com outro dado interessante: a ausência completa de palavras-chave. Essas, por quaisquer que sejam as decisões tomadas pelos estudantes, deixam de apontar aspectos para esta análise. Outros, ainda, contêm palavras-chave que pouco parecem captar o que há de mais relevante na pesquisa, pois, muitas vezes, a palavra é insuficiente para enunciar todo o sentido possível que atravessa uma formação.

Claramente, a função de escolher as palavras-chave parece, por vezes, negligenciada pelos estudantes, assim como fica evidente a grande quantidade de termos genéricos presentes na nuvem de palavras construída para a pesquisa. Todavia, essas características também são rico material de estudo, sobre o qual nossa pesquisa se debruça mais à frente.

Segundo o dicionário *Michaelis*, uma das definições de palavra-chave é: “Palavra que expressa o sentido geral de um contexto ou que o clarifica e o identifica.” Dessa forma, faz sentido que as palavras-chave escolhidas sejam, por vezes, vagas, já que ali não há pretensão de citar todas as abordagens possíveis de um texto:

Figura 4.



Artes e *ensino* foram as palavras mais presentes nos trabalhos analisados e parecem certamente óbvias. Isso é claro, pois até percebermos que há um trabalho de licenciatura que aborda outros aspectos da área de artes, e ainda outro que fica um pouco à margem do ensino. Às vezes, para deixar bem claro que o principal ainda não foi deixado de lado, é relevante evidenciar o óbvio. No entanto, na pesquisa, busca-se mais evidenciar algo que é imperceptível aos olhos de um paradigma da ciência, abrindo a palavra e confrontando-a com outros sentidos. Desse modo, como a palavra *alquimia* poderia abrir fissuras [entre] artes e ensino? Esse modo de pesquisar poderia ser a “pesquisa-vidência que nunca seria concluída ou acabada, mas que, desde seus barrocos entrelaçamentos mentais, levaria a outros e tantos mais mundos quanto nosso desejo permitir” (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2015, p. 10).

Nesse emaranhado de entrelaçamentos, artes e ensino aparecem no jogo com outras palavras, entre elas: *estereótipos*, *docência*, *experiência*, *contemporânea*, *aprendizagem*. Aparece, também, o termo no singular, *arte*, que pode estar demonstrando um caráter mais abrangente no que diz respeito às diferentes manifestações artísticas presentes no contexto de ensino escolar.

Em certos momentos, *artes*, no plural, pode discriminar, no sentido de categorizar, as diferentes linguagens artísticas, entre elas, o teatro, a dança, as artes visuais, o que pode gerar um indício de uma perspectiva polivalente. Contudo, é fato que a área no ensino é compreendida como Artes nas Diretrizes Curriculares Nacionais. Talvez, o plural artes se refira apenas às distintas produções, ou então, só não tenha buscado se distanciar do curso de graduação para o qual esses trabalhos culminaram: a licenciatura em *Artes Visuais*.

Por sua vez, a palavra *ensino* pode abarcar tanto modos estereotipados de ensinar, cheio de modelos vazios de sentido, quanto outros que se abrem ao ensinar e aprender. Ensinar vem do latim *insignare*, que é, literalmente, colocar um signo ou um exemplo. O signo seria o que se segue, ao passo que ensinar seria colocar sinais para que outros possam se orientar.

Na publicação *Proust e os signos* (2003), Deleuze, ao discutir a teoria dos signos, caracteriza o aprender como um “encontro com signos”. Desse modo, Deleuze retira o acento da emissão do signo (ensinar) para colocá-lo no encontro com o signo (aprender). Para o mesmo autor:

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente “bom em latim”, que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende (DELEUZE, 2010, p. 21).

Logo, pode-se dizer que ensinar tem a ver com a experiência e com o tempo, mas nunca a simples assimilação de conteúdos objetivos emitidos por alguém. Portanto, atravessam as duas palavras mencionadas, outras que desorientam os sentidos homogêneos e se abrem à heterogeneidade da palavra. Ensinar arte é possível? Ou ensinamos com os signos que a arte nos oferece?

Depois das palavras *artes* e *ensino*, aparecem os termos: *visuais* e *material*. O material parece indicar que os formandos estão interessados em aumentar ainda mais o repertório de aparatos disponíveis para o ensino; ou apenas querem enfatizar o aspecto de que a arte perpassa a materialidade como fatura que se encontra presente no que se compreende como sendo arte: um objeto.

Entretanto, é preciso enfatizar que o exercício do pensamento com a arte é uma construção necessária, muito mais do que a criação de objetos, tanto na esfera da prática artística quanto na pedagógica.

Por outro lado, tem-se também presente as palavras: *fruição*, *jogos*, *tecnologias*, *digitais* e *imagem*. Entre as palavras *jogos*, *tecnologias* e *digitais*, um forte indício da contemporaneidade virtual que chega aos trabalhos. Entre as palavras *imagem* e *fruição*, aparece um indicativo bastante claro de uma das metodologias de ensino presentes na formação, além de uma forte pista de quais os caminhos que o curso de licenciatura vem traçando com seus estudantes e futuros professores.

Por fim, a nuvem de palavras-chave conta com os termos que foram empregados uma vez só e que demonstram as características principais de cada trabalho, e, portanto, sua singularidade e diferença. Como exemplo, termos muito específicos, entre eles: *escultura*, *indígena*, *sketchbook*, *livro*, *homunculus*. Presentes nas palavras-chave, eles podem ser compreendidos como vislumbres ou clarões de singularidades que diferenciam grandemente as produções entre si.

Além disso, estão ainda presentes termos complementares relacionados à licenciatura e ao ensino da arte no geral, como *didático*, *docência*, *realidade*, entre outros, que podem vir a fissurar, ou não, as conexões entre as práticas artísticas e as pedagógicas.

A palavra nômade

Experimentar a palavra nômade foi um desafio que partilhamos nesta pesquisa. Nômade, em seu sentido etimológico, *nomos*, remete a um modo de distribuição de terras que não têm contorno, circuito ou cerca. Do mesmo modo, ao contatar os diferentes processos de escrita, percebemos a insuficiência da palavra em enunciar tudo o que seria possível em uma formação docente em Artes Visuais.

As palavras, então, lançaram bases para a criação de novas imagens-pensamentos, lançadas pelas nuvens fluídas e provisórias, que sugerem, ao se contaminarem por outras palavras, que a formação docente não se estabelece de uma única forma, mas assinalando posições no curso dos acontecimentos em uma graduação. Nesse sentido, a palavra, em sua errância, permitiu emergir potências de transformações e invenções, com a intenção de buscar a palavra e extrair dela sua banalidade, para que algo nos forçasse a pensar acerca de uma

[...] pesquisa-desejo forjada no abismo do não saber, em busca de algo a inventar, sem que seja, jamais, pesquisa transcendente, que buscaria em outras esferas que não o das imanências de seu campo empírico novos sentidos, novos devires, enfim, a diferenciação (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2015, p. 10).

Neste percurso, nos encontramos com muitas palavras, e muitas outras nos encontraram, de tal modo que não conseguimos ignorar seu desejo, nos submetendo à amorosidade da palavra. Quanto às palavras-chave e os títulos, palavras em murmúrio, elas nos colocaram, em alguns momentos, na área de artes visuais e, em outros, na educação. No entanto, a palavra em suas fronteiras, sejam elas disciplinares, linguísticas ou estéticas, costumam ser confusas, ou mesmo aleatórias, pois ocorre entre elas uma espécie de cadência ritmada, que as faz contaminar umas às outras.

Entre práticas, a arte contamina o pedagógico, e vice-versa, sendo sua lógica como um vento que impele ao pensamento uma série de rajadas e abalos. “Pensar é um ato perigoso”, como afirma Deleuze a respeito de Foucault, pois “pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as ‘visibilidades’, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases [...]” (DELEUZE, 2006, p. 119).

Continua o autor sobre Foucault, afirmando que é preciso rachar as palavras e as frases para delas extrair os enunciados. “E o enunciável em uma época é o regime da linguagem, e as variações inerentes pelas quais não cessa de passar, saltando de um

sistema homogêneo a outro (a língua está sempre em desequilíbrio)” (*ibidem*, p. 120).

O que se configura nesta pesquisa é aquilo que a palavra enuncia neste momento, quando a formação docente em artes visuais passa por intermináveis variações, pois ainda é recente o reconhecimento da arte como área de conhecimento e, conseqüentemente, sua luta constante para estar presente no currículo escolar.

Entretanto, a palavra, em sua heterogeneidade e expressões encontradas até aqui, não nos parece um problema; ao contrário, pois, do ponto de vista da constituição da docência, nos interessamos pelas marcas que atravessam esta passagem [entre] ser estudante e ser professor, marcada pela diferença. Pois, como afirma Pereira: “Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um *mesmo*, a um modelo ou padrão” (2013, p. 35).

Portanto, deixamos neste texto os rastros de uma pesquisa em processo, que podem apontar as próximas etapas do nosso trabalho, em direção a territórios moventes, nos quais talvez docência e artes visuais se articulem de modos ainda mais originais e criativos.

Referências

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos** – Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 17-31.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

Submissão: 14/06/2022
Aprovação: 14/07/2022